

MEMÓRIAS DE “PRETAS VELHAS”: as falas das mulheres cearenses do Cariri ¹

Marilucia Antonia de Sousa²

Daiane Patrícia Feitosa da Silva²

Claudimara Barboza de Oliveira³

Joselina da Silva⁴

Resumo: O Estado do Ceará vem sendo apresentado, em parte significativa da literatura acadêmica, como detentor de uma população negra numericamente inferior, em que pesem os dados em contrário. Nessa percepção, vimos realizando uma pesquisa com mulheres negras cearenses com o objetivo de mostrar que diferente da frase senso comum “no Ceará não tem negro” nossas entrevistadas nos traçam, através de suas memórias, a instituição de histórias e culturas de bases africanas no Estado. Assim, suas histórias de vida e memórias nos auxiliam a reconstruir um olhar, sobre a população negra cearense, permitindo-nos buscar a preservação de uma memória coletiva afrodescendente. Foram realizadas dez entrevistas com senhoras negras cearenses acima de 70 anos. Esta é uma pesquisa em andamento, por conseguinte os dados apresentados deverão sofrer maiores análises. Esta investigação vem sendo desenvolvida no âmbito do Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais – N^oBLAC, da Universidade Federal do Ceará, Campus avançado do Cariri.

Palavras-chave: Memória. Mulheres negras. Relações raciais. Ceará.

¹ O texto foi apresentado no GT “Africanidades e Brasilidades; direitos humanos” sob a co-coordenação de uma das autoras, Profa. Dra. Joselina da Silva, convidada do I Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades: ensino, pesquisa e crítica, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre os dias 26 e 29 de junho de 2012.

² Graduanda em Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará campus Cariri. Membro do *Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de estudos em relações raciais, gênero e movimentos sociais*. E.mail: marilucia2312@yahoo.com.br.

² Graduanda em Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará campus Cariri. Membro do *Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de estudos em relações raciais, gênero e movimentos sociais*. E.mail: davillafeitosa@gmail.com.

³ Graduanda em Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará campus Cariri. Membro do *Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de estudos em relações raciais, gênero e movimentos sociais*.

⁴ Doutora em Ciências Sociais/Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará, campus Cariri. Líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP-CNPq, . *Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de estudos em relações raciais, gênero e movimentos sociais*. E.mail: joselinajo@yahoo.com.br

Abstract: The state of Ceara has been presented, in a significant part of the academic literature, as having a black population numerically inferior, in spite of opposing data. From this perception, a research is being done with black women from Ceara with the objective of showing that in opposition to the common-sense sentence “*in Ceara there is no negro*”, our interviewees show us, through memories, the institution of stories and culture which have roots in Africa. Thus, their life stories and memories help us reconstruct a look over the black population in Ceara, allowing the effort to preserve an Afro-descendant collective memory. Ten interviews were done with black women from Ceara aged more than seventy years. This is a research in progress, so the data presented should be subjected to further analysis. This investigation is being developed in the Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais – NBLAC (Brazilian, Latin American and Caribbean Nucleus of Study on Racial Relations, Gender and Social Movements) of the University of Ceará, in Cariri.

Key-words: Memory. Black women. Racial relations. Ceara.

Introdução

Esta pesquisa com mulheres negras cearenses tem o objetivo de demonstrar que diferente da frase senso comum “*no Ceará não tem Negro*”, nossas entrevistadas nos traçam, através de suas memórias, a instituição de histórias e culturas de bases africanas, no Estado. Assim, os relatos e memórias nos auxiliam a reconstruir um olhar sobre a população negra cearense, permitindo-nos buscar a preservação e representações de uma memória coletiva afrodescendente. Foram realizadas 10 (dez) entrevistas com senhoras negras nascidas no Estado e com setenta anos ou mais. Este artigo traz as análises referentes às entrevistas com duas delas.

Dentre as mulheres negras entrevistadas, algumas eram já conhecidas por uma das alunas entrevistadoras. Outras eram familiares, algumas indicadas por alguém conhecido. Todas receberam a pesquisadora com muita afabilidade. Estavam à vontade para se expressar. Esta é uma pesquisa em andamento, por conseguinte os dados apresentados deverão sofrer maiores análises. A pesquisa, intitulada “Memórias de “pretas velhas”: as falas das mulheres cearenses do Cariri”, estuda os perfis de vida de mulheres negras bem como os aspectos de gênero, da região do Cariri, ao sul do Estado do Ceará.

Interessa-nos contribuir para o debate acadêmico sobre as relações raciais e de gênero no Brasil. A proposta aqui longe está de ser a última palavra sobre a história da população

negra nascida no Ceará. No entanto, é Bosi (1994) quem, ao ouvir as memórias dos velhos de São Paulo, acredita que estes podem trazer a público, traços e fatos que segundo ela nem sempre foram testemunhados pela historiografia oficial. No caso do trabalho paulista, lembra a autora, que mesmo o que consta nos livros de história é uma das formas de entender um acontecido. Logo, tão parcial quanto às memórias do narrador ou entrevistado.

Estudar sobre a memória de pessoas, com idade acima dos setenta anos, faz-nos compreender as mudanças atuais a partir do que vivenciaram e podem compartilhar conosco. Intermeiam o pesquisador aos fatos que aconteceram no passado, que foram marcados e nem sempre são lembrados. Suas várias histórias envolvem família, escola, trabalho, entre outros, e tem muito a falar sobre suas vidas, dificuldades encontradas e as vitórias conquistadas até o momento atual. Nesse sentido, desejamos contribuir para formação de uma consciência crítica e informada sobre a situação racial, notadamente das mulheres negras, numa análise longitudinal em algumas cidades do Cariri cearense. Esta investigação vem sendo desenvolvida no âmbito do Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais – N'BLAC, da Universidade Federal do Ceará, Campus avançado do Cariri.

1. Possibilidades teóricas para pensar as memórias negras cearenses

Mesmo o Ceará, que nos seus escritos guarda pouca memória da participação africana e de seus descendentes, a cultura negra está presente no estado. Pautamo-nos em Bosi (2010), quando afirma que *“por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda”* (p. 411). Logo, ainda que ínfima, a presença de negros na historiografia oficial não poderá ser empecilho para o relato da memória destas senhoras negras.

Se como nos informa Halbwachs (1990), a memória individual é estabelecida numa estreita relação com os grupos sociais de convívio ou as instituições sociais, tais como igreja, escola, ambiente de trabalho e família, podemos buscar entender como a memória dessas senhoras está ou não eivada de *africanidades* numa sociedade onde, a presença negra, do ponto de vista cultural e demográfico a presença africana se faça tão relevante.

Bernardo (1998), ao explicar sobre a opção de escolha pelos estudos de memória para relatar o cotidiano de mulheres e homens brancos e negros - na cidade de São Paulo - explica que estes se apresentaram como uma metodologia mais adequada para analisar situações aparentemente inférteis de significados, mas que, num segundo olhar, remete a análises plenas. E é Bosi (2010) quem lembra que uma memória coletiva necessita de convivência dos grupos próximos - família, escola, trabalho. Assim, nosso olhar sobre as senhoras negras cearenses, ainda em fase inicial, virá a observar o seu entorno coletivo e de afinidades. O fenômeno da autoidentificação como pessoa negra, onde surgiu? Que memória de negritude lhe surge, no hoje, em que negros cearenses, em alguma experiência, já se colocam como tal?

Dessa forma trata-se de uma pesquisa sobre mulheres negras acima de setenta anos residentes no Cariri, e se configura mais do que um estudo sobre a velhice e a história das mulheres negras no Cariri, também trata de identidade negra e sua construção ao longo da vida dessas mulheres.

2. As falas das mulheres: o que nos relatam suas memórias

São elas que vão nos relatar e ajudar a criticar o mito de ausência negra no seu estado. São arquivos e fontes de uma parte da história negra do Estado do Ceará. Um mergulho no tempo, na juventude, nos momentos de vida rural, na maioria, ou urbana para algumas. Era também a oportunidade de encontrar ouvintes atentos, para histórias muitas vezes caladas por falta de alguém para compartilhá-las. A princípio, no momento da entrevista, as senhoras ficavam à vontade para falar. Contavam suas histórias do seu jeito, e na maneira que iam surgindo as perguntas elas ligavam um fato ao outro. Refaziam seu passado remanejando as lembranças e reconstruíam suas memórias.

2.1. A conversa com D. Antônia

D. Antônia é uma mulher de 89 anos, simples e simpática, nascida na cidade de Juazeiro do Norte e filha de pais cearenses. Mora com seu neto, no bairro Limoeiro, casa

simples, e bem aconchegante. Ela, em especial até colocou roupa nova, um bom perfume e agradeceu pelo momento de conversa e por fazê-la lembrar das pessoas que tanto gostava e que não estão mais presentes, apenas nas suas memórias. Ela relembra o lugar onde nasceu, casou-se e onde ela e sua família moravam, na época. Rememora também o intervalo em que saiu e voltou para a cidade onde nasceu, Juazeiro do Norte.

Eu nasci aqui no Juazeiro, fui embora daqui com 3 anos, morei na Santana do Cariri. Da Santana do Cariri fui morar na Saudade, pertinho do Exu, de lá meus pais vieram simbora pra Serra, passemos uns tempo lá e depois eu me casei, me casei na Santana... na Serra da Estiva, e da Estiva vinhamos simbora pra Serra de novo e de novo meu pai veio simbora pra Serra, de novo, da Santana do Cariri ele veio simbora pra Serra e da Serra... eu me casei na... Serra ... do Rogero...na Serra, ... da Saudade pode se dizer né, onde eu me casei vizinho a Serra do Rogero, passemos uns tempo lá mais meu pai, e minha mãe, minha mãe morreu, meu pai ficou, meu pai morou uns tempos mais eu, nesse tempo eu já era mãe, e de lá eu vim mim bora pra Juazeiro de novo, aí vim bora pra onde eu nasci... né. (Dona Antonia. Entrevistada em 22 de Maio de 2012, Juazeiro do Norte-CE).

É possível perceber nesta fala da D. Antônia que a memória já está pouco presente, subterrânea. Ou seja, há momentos em que ela esquece ou prefere não falar. Se confunde até mesmo sobre o lugar onde ela se casou e os últimos lugares que morou antes de voltar para sua cidade natal. Ela refere-se aos conselhos e princípios a serem seguidos por suas filhas. Na época em que moravam todos juntos é possível perceber – de acordo com o depoimento - que as mulheres eram mais preservadas pela família e tinham menos liberdade em relação a divertimento. Ainda continuando com suas falas, ela faz um relato sobre as dificuldades que passou em relação à sua educação e de seus filhos. Podemos perceber que a falta de oportunidade ainda continua, desde o tempo que a D. Antonia estudava. A necessidade de trabalhar parecia ser maior que estudar.

[...] eu criei minhas 4 filhas e nenhuma me deu trabaí, eu nunca perdi um sono uma noite por modo que minhas filhas tava namorando, saindo por aqui pra colá, quando eu achava que tava demais, oh minha fia isso tá demais, assim não. Ninguém num beija rapaz, rapaz num beija agente, num precisa, pra gente casar num precisa disso. A moça que tem de se casar se casa sem carecer dessas coisas. Capriche que eu quero que se case tudo moça do jeito que eu me casei, olhe, olhe, e assim ficava minhas filhas, tomava o conselho que eu dava. Meus fi tomenhe tomava meu conselho mas home como é home, como tavam rapaz, já queria sartar fora né! No

namoro deles, porque era rapaz eu num podia dar jeito né...mas minhas fias não. .
(Dona Antonia. Entrevistada em 22 de Maio de 2012, Juazeiro do Norte-CE).

No decorrer das entrevistas foi possível perceber, em algumas falas, a existência da memória subterrânea, ou seja, alguns fatos ou momentos que fugiam de suas memórias, ou que elas preferiram não contar.

[...] aí eu num pude educar meus filhos porque eu num tinha ricurso nera, o ricurso era eu trabaiaí mas o que fiz foi, eu digo, a educação que dei aos meus filhos foi trabaia de roça e ser , sendo eles uns bom filhos, graças a Deus até hoje eles são bom pra mim, tudim. E o mais eu não me lembro... . (Dona Antonia. Entrevistada em 22 de Maio de 2012, Juazeiro do Norte-CE).

É ainda este autor quem nos ajuda a perceber que

Essas duas memórias (coletiva e individual) penetram frequentemente, em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente (Halbwachs , 1990, p. 53).

D. Antônia relata sobre a forma e seu local de trabalho e os preconceitos que sofreu:

[...] aonde eu podia trabaiaí eu trabaiaiva, pra ajudar meu esposo que ele era muito fraquinho, eu trabaiaiva na roça, limpava roça, brocava capoeira, tocava fogo,prantava e meu marido prantava e ia trabaiaí por fora, que o que ele tinha num dava pra nós sustentar os filhos né...Minha vida era essa, trabalhando apanhando feijão, apanhando agodão e por fim, afindava no fim das águas, do sertão, em dezembro, de agosto em diante era quebrando milho, batendo milho, quebrano mamona, tudo isso eu fazia... fui mãe de 14 filho e que certo que num criei os 14 porque morreu 4 e eu fiquei com 10 esses 10 são tudo pais. (Dona Antonia. Entrevistada em 22 de Maio de 2012, Juazeiro do Norte-CE).

Outro momento referente é quando ambas revivem os períodos de diversão, de conversas e de reencontrar os amigos. É aí que se mostra parte de sua cultura e de religiosidade, tais como as renovações e alguns tipos de festas.

A minha diversão era um dia ir pra uma renovação do coração de Jesus, pra uma dança que se chama de São Gonçalo nós ia assistir, festa nenhuma num tinha diversão eu não dançava eu num andava com história de namoro porque nesse tempo ninguém namorava.. (Dona Antonia. Entrevistada em 22 de Maio de 2012, Juazeiro do Norte-CE).

2.2. Dona Maria do Carmo e seus relatos

D. Maria do Carmo é uma mulher de 72 anos, nascida em Uburetama-CE , e os seus pais também são cearenses. Ela é uma mulher um pouco reservada, mas que conversa de uma forma agradabilíssima e educada. Mora, atualmente, no bairro Limoeiro, atualmente com o seu marido. Maria do Carmo relembra alguns momentos de sua infância, adolescência e as condições de vida no passado.

[...] minha infância foi uma infância muito sofrida porque todo mundo sabe que nessa época de 40 pra cá muita gente sofreu muitas privações muita fome os pais pobres sem poder dá as coisas também e eu sofri na minha infância porque minha mãe não podia dá assistência pra gente... (Dona Maria do Carmo, 15 de maio de 2012, Juazeiro do Norte- CE).

Já se disse que as correntes do pensamento social atravessam a infância , mas só com o tempo arrastarão tudo o que lhes pertence. Neste sentido, nas falas de D. Maria, as lembranças do seu passado, principalmente de sua infância, são muito marcantes. Fixaram-se de tal forma que no processo do ir e voltar da memória, determinadas lembranças se tornam mais vivas.

Eu tinha oito de idade no mercado central de juazeiro do norte agente ia pro centro pedir ajuda né eu e minha irmã , meu irmão que já faleceu e agente pegava até as migalhas do chão casca de queijo o pessoal comia queijo de manteiga naquela época eles tinha uns queijo bem gostoso descascava aquelas cascona eu apanhava butava na sacola eu num me esqueço nunca ...

[...] aí quando eu tinha 12 anos num sofria mais assim... Aí eu fui, arrumei uma casa pra eu trabalhar passei 12 anos nessa casa. Quando minha vida melhorou na minha adolescência fui pra escola aprendi só o primeiro ano com a carta, a cartilha aí depois voltei pra casa de mamãe. (Dona Maria do Carmo, 15 de maio de 2012, Juazeiro do Norte- CE).

Relata ainda a D. Maria do Carmo uma questão social interessante e ao mesmo tempo preocupante, que é a questão das drogas, quando relembra o seu tempo de infância em que ficava no centro da cidade

Todo tempo teve crianças na rua mendigando né mas num tinha droga na época né, graças a Deus né, num tinha droga não. Agora não, você vê criança nas drogas piqueninim e tudo né. Mais naquela época era só fome mesmo. (Dona Maria do Carmo, 15 de maio de 2012, Juazeiro do Norte- CE).

Na narrativa, pode - se observar que as questões lembradas por D. Maria do Carmo, o que acontece com frequência nos dias atuais, já acontecia há muito tempo, e de acordo com o passar dos tempos, a situação só se agravou. Além da fome, as crianças usam drogas, não estudam e muitas dessas crianças são obrigadas a trabalhar.

Chauí (2010), na introdução do seu texto “Memória de velhos”, utiliza a seguinte expressão:

Que é, pois ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, não existe para si mas somente para outro. E este outro é um opressor. (CHAUÍ, 2010, p. 18- 19).

No caso das mulheres negras idosas entrevistadas até o momento, todas são aposentadas e recebem salário mínimo. No entanto, falam de prosperidades atuais. Todas têm casa própria. Lembram de infâncias tristes, mas se percebem alegres na velhice. Felicidade que é retratada na fala e no corpo, quando três delas se aprontam, mudam de roupa e se empertigam para falar de si.

Aspectos conclusivos

A pesquisa sobre memória, especificamente memória de mulheres idosas faz-nos voltar ao passado junto com elas. As lembranças afloram da memória por meio de conversas, acontecimentos, mudanças que remetem ao passado e se relacionam com o que viveram. De acordo com as falas delas, percebemos que havia fatos que elas mesmas já nem mais lembravam, devido não terem o hábito de “puxar” pela memória. Através da entrevista, retornaram ao passado e às relações que tiveram no meio em que viveram. E como foi e é serem tratadas na sua juventude, na velhice e na sociedade atual.

Estimamos que o desenvolvimento do projeto venha a contribuir para a formação de um corpo qualificado de pesquisadores na área de relações raciais, assim como preparar profissionais críticos e aptos à atuação em pesquisa, docência ou no campo da intervenção social qualificada. É de nosso interesse tornar acessíveis informações atualizadas – e interpretações e análises respectivas – sobre o estado atual das relações raciais no Cariri.

Referências

I) Entrevistas realizadas pelas autoras:

Antonia de Sousa Alexandrina, 22 de Maio de 2012, Juazeiro do Norte-CE.

Maria do Carmo dos Santos Silva, 15 de Maio de 2012, Juazeiro do Norte-CE.

II) Bibliografia secundária:

BERNARDO, Teresinha. **Memória em Branco e negro: olhares sobre São Paulo**. São Paulo: EDUC: Editora UNESP, 1998.

BOSI, Ecléa. “Introdução”. In: _____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CHAUÍ, Marilena de Souza. “Os trabalhos da Memória” . In: _____. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Biblioteca Vértice. 1990.

PEREIRA, William Augusto. “26 Anos de História do Movimento Negro no Ceará. In: _____. LIMA, Ivan Costa; NASCIMENTO, Joelma Gentil do. **Trajetórias Históricas e Práticas Pedagógicas da População Negra do Ceará**. Fortaleza: IMPRECE Editorial, 2009.

Recebido em: 01/10/2012. Aceito em: 29/10/2012.